

NESTE NÚMERO:
**UM ARTISTA
QUE REGRESSA
À VIDA!**

Uma grande reportagem com o actor
ABÍLIO ALVES
Por
ANIBAL NAZARÉ



GRETA GARBO, A VEJETA
CUJO NOME DISPENSA
ADJECTIVOS, A SUA CHE-
GADA A SUÉCIA, QUANDO
DEPOIS DA VIAGEM A
BORDO DO «GRIPSHOLM»,
DESEMBARCOU NO PORTO
DE GUTTEMBERG.

(Foto UPI)

VIDA MUNDIAL

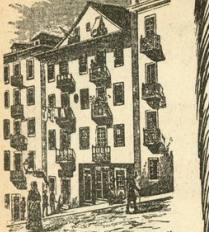
ILUSTRADA
SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

ANO VI—N.º 273
15 DE AGOSTO DE 1946
PREÇO AVULSO 2\$00

OS LUGARES COMUNS DA HISTÓRIA

A "MISÉRIA" DE Nicolau Tolentino de Almeida

FOME NEGRA A VINTE E DOIS CONTOS POR MÊS!



A casa onde o poeta nasceu, na Calçada de Santo André



Nesta casa, no rua dos Cordões de Jesus, morreu o poeta

so requerente e seu pai vivem nobremente.

Portanto, não foi na infância nem na adolescência que o nosso poeta passou fome.

Também não ficou cego na orfanidade, visto que era ainda vivo o pai quando ele, depois de deixar incompleto o curso na Universidade, alcançou o lugar de professor de retórica.

A este lugar chamava ele depreciativamente: mestre de meninas, quando em requerimentos ou rimas chorava a sua sorte.

Ora Tolentino não era mestre de meninas porque não se pode considerar "meninas" os alunos de retórica, que segundo o alvará de Pombal de Junho (26) de 1769, tinham de estudar por compêndios escritos em latim («Instituições», de Quintiliano; «Orações escolhidas», de Cicero, e até a «Fundamenta styli cultioris», de Huetelco).

Ora agora vejamos o que constata os vencimentos deste lugar.

Cada professor de retórica tinha 450.000 réis de vencimento anual, mais 350.000 réis de ordenado e ainda mais 100.000 réis para a renda da casa. Faziam estas verbas 900 mil réis, ou duzentas libras em bom ouro de lei.

Tolentino arrendou casa na rua da Rosa, mas continuava a viver na casa paterna. Parece que o dinheiro lhe sobejava porque, por esse tempo, comprou uma terra de 12.000 réis na Ordem de Sant'Inês, a Francisco Catela.

Foi por este tempo que o nosso poeta começou a pedinchar em verso. Estava professor encantado mas achava pouco as 200 libras de vencimento e o Quintiliano não o divertia nada.

Os magnates sempre tiveram medo das ditas, e o nosso Nicolau sabia isso muito bem, mas sabia ainda melhor

esconder o epigrama num elogio, como o verso num rebuado.

Foi semeando plêrinas agudas e a seara, um dia, deu fruto.

Em 21 de Julho de 1781 foi nomeado oficial praticante da Secretaria dos Negócios do Reino, sem vencimento.

A prática no Ministério dispensava-o das lições de retórica em quase todos os dias da semana. Pouco depois entrou no quadro como oficial ordinário. Era a fortuna!

Essa pasta era uma coisa de peso. Farda, cartureira, correio a cavalgar a estribeira da sege.

A «Gazeta de Lisboa», único jornal do tempo, era uma fonte inexaurível de proventos, e estes revertiam a favor dos Officiais do Reino.

E Tolentino mudou logo de vida. Deu um pulo para a Junqueira e alugou um palacet.

Com os emolumentos do cargo e o vencimento do novo emprego (1.800.000 duns e 700.000 do outro) Nicolau Tolentino ficou na mais risonha das situações. Mas continuava a lamuriar de pedincha.

Vamos ver agora quanto receberiam os magros escudos de hoje esses ordenados de então.

Referimos ao ouro, padrão universal, e no tempo de Nicolau Tolentino, padrão valente, a nossa moeda de agora. Teóricamente, o grama de ouro (suca) vale, hoje, 31 escudos. Dizemos teóricamente porque na prática ninguém o encontra a menos de 36 ou 38 (suca, bem entido).

Ora nesse século XVIII, segundo se depreende das avaliações escritas em processos de inventários judiciais, o ouro valla dezoito vintem, 360 réis ou 3,60 centavos fortes, o grama.

Resulta destes números que o ouro

está, pelo menos, 90 vezes mais do do que no tempo de Tolentino, ou o dinheiro 90 vezes mais depreciado; como quiserem.

Logo é 80 (noventa) o multiplicador a que temos de submeter os números de então para obtermos uma honesta equivalência em escudos.

Vamos a isso:

Tolentino professor ganhava	450.000 réis
Rendimento da terra...	12.000 »
Ordenado de Oficial do Reino	700.000 »
Emolumentos deste cargo	1.800.000 »
	2.962.000 réis

Não incluímos os 350.000 réis de exercício de professor porque é natural que não lhes dessem, a não ser que...

Aplicando a estes 2.962.000 réis o multiplicador 90, resulta-nos duzentas e sessenta e seis mil, quatrocentos e oitenta escudos — 296.480.800 anuais, os sejam: vinte e dois contos e duzentos por mês, números redondos!

Sem falar nos 305 alqueires de cevada que o cavalo tinha para seu sustento anual.

Aqui está, estimados leitores, a fome de Tolentino.

Ele foi, talvez, o único poeta que possuía, de facto, aquilo que o lugar costumava atribuir aos outros, em teoria, «a tira de ouro».

Por isso ele respondia aos que o acanhavam de anti-lingua:

— Má lingua? Má lingua têm os meus, que não podem falar.

CASTELO DE MORIAS

lugar-comum é tão preciso na vida como o pão para a boca. Sem o *realizadores* não haveria noticiário nos jornais; sem o estado de consternação não haveria enterros sem convites. É preciso que o *scriba* compete *inferna*, que o *hú* seja *meritíssimo*, que o poeta seja *maravoso*, e que todo o funeral constitua *uma entidade manifiesta de pedra*.

Estes são lugares-comuns na imprensa, mas a história também os usa, e a propósito destes que vamos escrever as linhas que seguem.

Quem há por aí, nesta Lisboa pacata, que não tenha ouvido falar na miséria e nos versos do nosso Nicolau Tolentino de Almeida? Quando vem à balla a pobreza dos literatos, cita-se logo Nicolau Tolentino. E há sempre quem diga:

— Um homem daqueles, um talento, ter que andar a comer umas sopas por casa de um e de outro! Isto é um país desgraçado!

O companheiro sublinha:

— E ohe que hoje... embora os tempos sejam melhores...

Ora vamos lá deltar contos aos haveres do poeta. Vamos ver primeiro se a «miséria o flagelou na casa paterna, nos dias da infância, ou quando nu Juventude lá vai o lugar-comum *começa a palmar de cordas da lira*».

O pai do poeta, José Almeida Soares, habitou-se para familiar do Santo Offício. Na instrução do processo de habilitação lê-se: *requerente vive limpa e abastadamente*.

Na habilitação com que o filho Nicolau se apresenta para Cavaleiro de Sant'Inês, igualmente se afirma que

PODE-LHE SERVIR PARA ACERTAR O RELÓGIO!

As suas funções intestinais terão uma regularidade tal que, por elas, poderá acertar o seu relógio se tomar LAXOBAC, o novo chocolate laxativo.

Um remédio agradável contra a prisão de ventre, tanto para os adultos como para as crianças. Suave, mas firmemente, «Laxobac» exerce a sua acção, sem causar a mais leve dor ou incômodo.

LAXOBAC

Em todas as farmácias a Escudos 2500 e 1250 cada caixa. Lembre-se do nome.

REPÚBLICA ITALIANA FORM AS REGIÕES DO NORTE DE ITALIA QUE FIZERAM TRIUNFAR A REPUBLICA

Os dois mapas juntos servem para mostrar, no linguagem clara dos gráficos, que nas regiões de Itália onde a percentagem de letrados é maior — o Sul — a monarquia conseguiu mais votos.

Da mesma forma se verifica que as regiões mais evoluídas e as mais cultivadas — o Norte — votaram pela República.

PERCENTAGEM DOS VOTANTES

REPÚBLICA	42.000	4.600	100.000
MONARQUIA	100.000	100.000	100.000

PERCENTAGEM DE LETRADOS

REPÚBLICA	100.000	100.000	100.000
MONARQUIA	100.000	100.000	100.000



Do regresso da sua viagem a Suíça, França e Espanha, cheou, há dias, a Lisboa, o importante industrial sr. Maxime Vaultier, que se vê na foto com sua esposa, Madame Christiane Vaultier, e suas filhas, o cônsul da França, Mr. Gorlier, empregados superiores de casa H. Vaultier, etc.



O DIA NACIONAL SUIÇO

O Dia Nacional Suíço foi comemorado, em Lisboa, com diversas solenidades. Houve recepção à colônia e venda do emblema nacional da Suíça, feita por gentis senhoras. As fotos mostram um aspecto do recepção na Legação do Suíço (1) e a venda do emblema ao ministro daquele país (2).

CLÉO MARIAN

UMA GRANDE ARTISTA ARGENTINA EM LISBOA

CLEO Marian, grande intérprete da alma gaúcha, uma das mais expressivas cantoras de tangos e de boleros, encontrá-se em Portugal atirada pela beleza do nosso país, pela doçura do clima e pelas... cerejas. Sim, porque Cléo Marian, um dos últimos grandes êxitos dos casinos do Rio de Janeiro e de Buenos Aires, é doída por cerejas. Tanto que quando chegou a Lisboa e lhe perguntaram do que mais gostava de Portugal, ela respondeu:

— De tudo, mas especialmente de cerejas...

Agora, Cléo Marian, que conta no seu repertório as malvosa criações da Argentina, México e Brasil, vai brevemente fazer o seu primeiro público de Lisboa numa grande festa internacional. «A alma dolente dos Pampas», a «Voz carlíca da América do Sul», como é conhecida Cléo Marian é também uma talentosa declamadora que tem maravilhado os raros que já a ouviram.



Enigma

Orientado por Cealra Dias

II Torneio — Problema 1 (13)

ENFORCADO!

ERAM quase 18 horas quando o nosso conhecido Inspector atendeu o telefone.

— Está?
— Bem, vou já.
Dizendo isto, o Inspector e o seu ajudante tomaram o carro de serviço e seguiram para a vivenda «Dália», onde o grande banqueiro Castro Dinis appareca enforcado no jardim.

Quando a polícia chegou, ainda o corpo do banqueiro se encontrava pendurado. Este fê-lo descer para mais de perto o analizar, verificando o seguinte: o relógio tinha o vidro partido e estava parado nas 18,20; o pescoço do cadáver apresentava dols grandes rasões, um causado pelo nó corredo da corda, e outro pela gravata extremamente apertada; a poucos pés de distância via-se um banco tombado.

Em casa do banqueiro, na altura do acidente, apenas se encontravam um seu amigo, José Loureiro, e um criado, que tinha um braço partido.

O Inspector quis ouvir cada um por sua vez, começando pelo amigo do banqueiro:

«Tendo hoje comunicado telefonicamente com o meu amigo, soube que ele precisava falar comigo. Quando cheguei ele ainda não estava, tendo chegado momentos depois. Discutimos sobre uns negócios, dentro sempre de completo accordo. Ontem até um bocadinho de música da Embrosora Nacional, pela qual acertámos os relógios. Alguns minutos depois retirei-me. Ainda não lá a meio da estrada quando ouvi a voz do João chamando-me ativamente. Retrocedi imediatamente, e vim dar com o trágico quadro. O meu amigo confessara-me andar preocupado com certas coisas do Banco, mas não supus, nem de longe, tão fatais consequências. É tudo quanto posso declarar, sr. Inspector».

Após uma ligeira meditação, acompanhada de breves fumaças do seu inseparável cachimbo, o Inspector chamou o criado para o ouvir.

«Eu pouco sei, sr. Inspector. Percebi que o meu amo e o sr. Loureiro discutiram sobre negócios, mas pareceu-me ter tudo ficado em bem, pois vi os senhores ligarem a telefonia, e até acertaram os relógios pelo sinal horário. Quando o sr. Loureiro se retirou fui para o outro lado da casa, voltando quase de seguida para saber se o patrão jantava em casa. Del então com a horrível cena e corri a chamar o sr. Loureiro, que calculei ir ali perto».

O Inspector, que parecia sorrir, disse para o ajudante, enquanto se erguia:

— O caso está arrumado!

Pergunta-se:

a) Quais as conclusões do Inspector?

b) Acha que os depoentes disseram a verdade? Porquê?

c) Que papéis tiveram no caso o amigo do banqueiro e o criado?

Concorra a este concurso, enviando a sua resposta para a Redacção desta Revista, até ao dia 29 de Agosto corrente, prazo que será observado rigorosamente.

Com este problema inicia-se o II Torneio de «Enigma», no qual esperamos ver como decifradores os nossos habituais colegas, e outros novos, em luta leal pelos primeiros postos da classificação.

Se o êxito final traduzir crescente entusiasmo, talvez, em seguida, nos abalancemos a organização de maior vulto, pensando assim o interesse e coadjuvação dos nossos leitores e amigos.

D'Aguilhar

UM ARTISTA PORTUGUÊS
QUEM TEM CORRIDO
MUNDO



CHAMA-SE Saul Fernando d'Aguilhar, e nasceu em Lisboa, na freguesia de Santa Isabel.

Tem 39 anos e começou em 1928, de brindeiros, a fazer sortes de prestidigitação. Acharam que tinha jeito, os amigos e incluíram-no a que continuasse e, daí a pouco, estrea-se no Coliseu dos Recreios.

Depois — foi o triunfo. Trabalhou em toda a Espanha, Marrocos, Londres (no Capitol), em Gibraltar...

— E agora — penso ir ao Brasil e à América do Norte. Muitos elementos da colónia portuguesa pedem-me que vá — e terei nisso uma grande alegria.

D'Aguilhar está à nossa frente, e um rapaz magro, seco, que faz depressa, no circo.

— Depressa — para o público não ter tempo para pensar!

O nosso compatriota é, no seu género, um

artista perfeito. As suas sortes são feitas com extraordinária perfeição, e só assim se explica o seu grande triunfo em Espanha — terra de tantos e tão bons prestidigitadores.

— O que mais lhe interessa nos seus trabalhos?

— Evidentemente — que o público não perceba como os executo!

— E se alguém perceber?

D'Aguilhar sorri, confiante:

— Até hoje — nunca isso aconteceu!

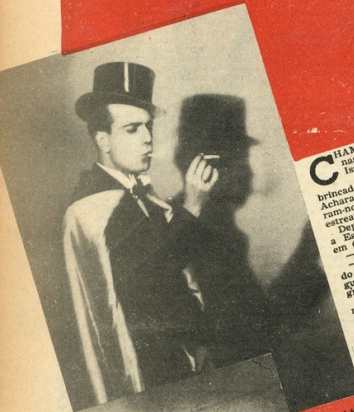
O artista diz-nos, depois, que também gostaria muito de visitar a África, de várias partes o sulclama — mas ainda não resolveu.

— Já à despedida:

— D'Aguilhar: quer dizer-nos como faz desapercecer o canário?

— E ele, sorrindo:

— Se eu lhe explicasse, você ficava sabendo tanto como eu, e era um concorrente perigoso...



EM CIMA: A suas sortes dos ci- garros. O artista deixava os ci- garros fora e logo outros lhe apar- ocam entre os lá- bios!

AO LADO: A fa- zenda sortes da palácio. Canário e palácio desaper- garem à vista do público, sem se saber como!

A VOSSA RIQUEZA E DA SUA FAMÍLIA ESTÁ NAS SUAS MÃOS



SEJA PREVIDENTE GARANTINDO-A
COM UM SEGURO DE VIDA NA

ULTRAMARINA
RUA DA PRATA, 108 - LISBOA

Castro Soromenho

Conta-nos porque escreveu A MARAVILHOSA VIAJEM DOS EXPLORADORES PORTUGUESES

CASTRO Soromenho, o vigoroso romancista de «Noite de Angústia», acaba de triunfar, plenamente, com a «Maravilhosa Viagem dos Exploradores», uma obra monumental, em doze tomos, numa edição primorosa e pouco vulgar no nosso meio, de «Terra Editores». O primeiro volume, aparecido agora, deixa ver claramente o valioso contributo que Castro Soromenho trouxe à nossa literatura, e, momentaneamente, do nosso esforço colonizador. Documentário forte, expressivo, verdadeira legenda de heróis desconhecidos e de sangue, que nos terras longínquas africanas já ensoparam em séculos de lutas e de esforço de consolidação, Castro Soromenho mostra, nesta obra, o verdadeiro sentido dum historiador, integrado no seu tempo, que não vê só as glórias com os olhos esfumados de fantasia, mas sabe, porque viveu esse ambiente, as misérias, as dores, os sofrimentos de todos os povos africanos das nossas colónias.

Esta «Maravilhosa Viagem dos Exploradores Portugueses» vai ser, por isso, o mais valioso documento da nossa vida colonial — verdadeira bíblia onde os portugueses de hoje e do futuro não-de aprender com realidade aquilo que nos vastos domínios africanos se fez sem lendas, mas com o sangue.

Éis por que esta entrevista com Castro Soromenho tem um cunho de sensacional. O romancista premiado em literatura colonial que alcançou uma posição de inconfundível prestígio, fala da sua obra.

— Não lhe posso dizer no decorrer duma entrevista, o que é, em toda a sua amplitude, «A Maravilhosa Viagem dos Exploradores Portugueses». Todavia, posso informá-lo de que as almas das três exploradores, Serpa Pinto, Capelo e Ivens, me serviram para decorar, em quadros movimentados, o cenário de uma grande parte de África e, principalmente, o seu meio social, nas suas fortes realidades e profundas contradições.

E depois duma pausa, Castro Soromenho prossegue com vivacidade: — Mala do que a aventura, impor-me traçar o quadro da vida do sertão, dos mercadores loucos que abriram os caminhos por onde Serpa Pinto, Capelo e Ivens se embrenharam, e dos altos serviços prestados por brancos, negros e mestiços.

E como já havia colónias, deles me ocupo, enaltecendo as suas qualidades, sem esquecer os seus defeitos, enquadrando-os no meio ambiente, acompanhando-os nos passos aventureiros da transformação da terra e do homem negro.

A etnografia e folclore são dados em seus traços essenciais — e refiro-me a cada passo à história dos povos, indígenas que abriram as portas dos seus países aos brancos porque eles eram mercadores.

A penetração comercial não devemos o passo mais africano e valioso da conquista de África.

E esclarecendo: — Foi a cacha do escravo que nos levou aos confins do continente. A história da África era, até há pouco mais de meio século, assente sobre a escravatura e servidão.

«Vai para 70 anos que as duas grandes expedições à África coraram a aventura destes gloriosos pioneiros de quatro séculos. Depois é que começou a grande tarefa da colonização, impossível de compreendê-la em toda a sua extensão, sem se conhecer o que eram essas terras onde os exploradores chegavam.

E com um sorriso, Castro Soromenho prossegue:

— Estas coisas não se dizem — contam-se, depois de feitas — e ter meditado e feito uma grande viagem, vendo, auscultando, sentindo os dramas e a vida do povo.

E depois duma pausa: — Para os homens de hoje, que não são versados em problemas africanos, a obra de absorção de brancos, negros e mestiços vale o continente negro.

«Um programa orientado no sentido de exaltado Império — tem-nos dado uma visão errada da África de ontem em que já não cabem mais heróis e santos... É uma parádo de heróis e de negros selvagens.

A conversa muda, depois, de rumo. Fala-se da vida e da obra do escritor.

CASTRO SOROMENHO

— Não pensa voltar ao jornalismo? — A banca da redacção, não; mas penso, depois de concluir o trabalho, ir traço em curso, retomar as minhas colaborações na imprensa brasileira.

Castro Soromenho, que é redactor-correspondente em Portugal da revista «D. Casimiro», tem em projecto, para breve, uma viagem ao Brasil.

Uma variante na entrevista: — Que novas me dá do seu romance «Terra Morta», anunciado como o primeiro de um novo ciclo da sua obra?

— Conto na cativello e anunciado na lista das minhas principais obras — não pode entrar no mercado.

— O seu novo romance está dentro do ciclo a que pertence «Terra Morta», ou já é romance passado nos Açores, onde foi o ano passado?

— Nem uma coisa nem outra. «Desaterrados», que tragou em preparação e devo concluir até ao fim do ano, é um romance passado em África, com gente branca, contra «Terra Morta», mas muito diferente nas suas intenções. Trata-se dum caso de absorção do homem branco na selva, depois de ter vivido uma tragédia cujos passos mais angustiosos foram o do morte de sua mulher e a sua própria loucura. Quanto ao romance, passado numa ilha açoriana, não sei quando doarei ao público, porque preciso de voltar a S. Miguel, o que farei ainda este ano.

— Com «Terra Morta» procurava uma nova maneira literária dentro do romance?

— Depois dos meus livros sobre os negros, que escrevi com intenção de revelar o homem da África, que a literatura abastardada pela especulação do exótico, perigosa por ser tão alucinante como falsa, escrevi «Terra Morta» para apresentar o branco, o negro e o mestiço vivendo intensamente a dura realidade da sua existência e suas profundas contradições. Personagens desse romance transitam para outros livros, vivenciam a sua existência noutras terras e com outra gente.

E com um sorriso: — Essa será a minha última etapa na literatura sobre a África. Sobre a África os africanos nunca colónial, porque isso que se chama literatura colonial ou de designação imprópria ou tratada de propaganda, eu não sou propagandista de nada, e nunca o seria de ideais contrários aos meus altos interesses dos africanos, crioulo, negros e brancos, em que me incluo por direito de nascimento.

E com entusiasmo: — Romancista, impor-me dar a vida dos homens em toda a sua verdade, sem cuidar que falar deles vá ferir interesses de qualquer natureza. É verdade que há quem pense precisamente o contrário, e daí «Terra Morta» estar no cativello. Há verdade que se me diz, «marque suas coisas com eles; eu penso e actuo de forma contrária, embora esteja a escrever para a gente».

E aqui terminou a entrevista com um tom de vigorosa e sincera, moderna geração, Castro Soromenho, que tem escrito, com o seu talento, algumas das melhores obras que ultimamente se têm publicado em Portugal.



CASA JOSÉ COSTA
AGENTE AUTORIZADO DA
PHILIPS
RUA DE S. PAULO 11-13 TELEF. 2488 LISBOA



...já chegou!

Esta é a autêntica Magnésia SANTA MARIA, de suave acção laxativa e reguladora da função intestinal. Favorece a desintoxicação do organismo, promovendo um maior bem-estar geral. Conserve a sua saúde física e mental com a ajuda da



Magnésia
SANTA MARIA

Revolução!

RASOSAN GARANTE BARBA FEITA E CARA Sã

RASOSAN

FIXE!

RASOSAN É UMA AUTÊNTICA REVOLUÇÃO EM TODOS OS PROCESSOS DE FAZER A BARBA. O HOMEM DE HOJE NÃO DEVE IGNORÁ-LO.

ARCO

BOM ESTÔMAGO!

Um dos factores para a **TRANQUILIDADE NA VELHICE**

Apetite e prazer nas refeições, é prencípio de boa saúde. Ao aparecer a mais ligeira dor ou inómodo depois de oomar — flatulência, azia ou outras perturbações da digestão — tome um pouco de Magnésia Bisurada. Neutraliza o excesso de acidez e acaba prontamente com a dor. Milhares de pessoas no mundo inteiro restauraram o bem-estar do seu estômago, tomando Magnésia Bisurada. O Senhor deve tomá-la, se o seu estômago está desarranjado.

DIGESTÃO ASSEGURADA com MAGNÉSIA BISURADA

À venda em todas as farmácias, a 15800 e 23800, pó ou comprimidos.

PRECEITOS E CIVILIDADE E ETIQUETA

por Graciete Branco

POETISA e escritora de reais méritos, Graciete Branco resolveu agora escrever um livro sobre «Preceitos de Civilidade e Etiqueta».

Livro diferente de quantos todos que no género se têm publicado, porque é obra dum senhora e duma artista, e desconfiando encarregar seu seu valor. Trata-se dum trabalho utilissimo, pois a par do seu valor real como livro que ensina as pílulas de viver em sociedade, está escrito num estilo literário que revela a sua autora, um nome há muito firmado nas letras portuguezas...

ABÍLIO ALVES

(Continuação da pág. 13)

Alves é um artista considerado de primeiro plano pelos que sabem e podem ter tão opiniões e urgente restituí-lo vida e ao teatro!

O artista sorri.

— Que fazia na prisão?

— Entretive-me a escrever umas pegas — para estar entretido! E era auxiliar da contabilidade! Ganhava vinte escudos por mês — ou sejam cinco escudos e quarenta centavos depois dos descontos!

Rimos de gosto da modestia do «cacheta».

— Quando saí do Limoeiro entregaram-me um pecúlio de 197800.

Depois, falas de das pessoas da cadeia, a quem o artista está gratisimo:

— O chefe da contabilidade, Rogério, e dois funcionários, Albreu e Silva... Grandes amigos!

Eu, sorrindo:

— Olhe que até entre os presos deixei grandes amizades!

— Como recebeu a notícia da sua absolvição?

— Com calma! Eu sabia que tinha de ser absolvido! Eu acreditava na Justiça! Olhe que só do Porto recebi cerca de cento e cinquenta telegramas, e aqui, em Lisboa, têm-se-me dirigido, a abraçarme na rua, até pessoas que não conheço!

Abílio Alves conta-nos este pormentor:

— Tinha tanta confiança nos juizes e na justiça que quis que as minhas duas filhas, uma das quais anda a estudar Direito, assistissem a todas as audiências, para que não lhes ficasse a mais pequena dúvida acerca da minha inocência!

Antes de terminarmos esta conversa com Abílio Alves, falas-se do Padre Baltazar. Prior da Costa da Caparica, a quem se deve a revisão do processo dum outro acusado, também Abílio.

— E o artista conta-nos que o Padre Baltazar o visitou, na prisão, e lhe perguntou:

— Estou e confio na justiça dos homens?

— É uma grande vitória quando se tem essa certeza espiritual! — disse-lhe o sacerdote, olhando-o bem, olhos nos olhos.

Pois no dia seguinte à sua saída da prisão, Abílio Alves recebeu, com um vale de cinquenta escudos, esta carta do padre Baltazar:

Meu caro sr. Abílio Alves: — Nesta hora de intensa alegria para si e sua Família, e de reabilitação do seu nome, venho dizer-lhe que não o esqueço no calvário da sua vida, e que o acompanharei com as minhas poteres orações e com a minha simpatia. Tive-o sempre como inocente do crime que lhe imputaram e pelo qual sofres, e tive confiança nos juizes que acabam de julgá-lo. Não me enganou, louvarei a Deus, porque acreditei o seu carácter, o seu olhar franco e a sua attitude correcta antes e depois da prisão. Que esse carácter e attitude o guiem sempre no caminho do dever, superior às injustiças, tentações e às maldades dos homens. Permita-me a liberdade da pequenina e pobre lembrança de um homem pobre para um cálice de licor pela sua reabilitação. — Padre Baltazar, prior da Caparica e capelão da Cadeia de Caxinas.

Com estas palavras do bondoso sacerdote poderia acabar bem esta minha reportagem. Mas não! Quero acabá-la, antes, com estas palavras de Abílio Alves, o notável actor que a Justiça restituíu a liberdade.

— Três anos, cinco meses, vinte e um dias e uma hora e meia! Ah! Mas sei saçar que estas palavras não me flava que ainda havia justiça na minha terra!

CRÓNICA INTERNACIONAL

(Continuação da pág. 16)

sons, método de oportunismos que não resiste à pressão das realidades.

Por isso mesmo ganharam excepção poder estourtar palavras de valor histórico que, em complemento daquelas, de Paris e de Montecarlo, o rigor de algumas expressões argumentalmente indelével logo no dia 29, sobre uma directria que não falha.

Nesta hora agrada em que todos se deviam dar as mãos para por em rigorosa equação as realidades novas, vemos apenas um jogo de transpignéncias com as minorias vencidas pela guerra e com ideologias fundadas de forma a acerta pela hora de 1938? Tudo transige e se mascara: o Vaticano de radical e o Kremlin de conservador. A Alemanha prepara o seu imponente regresso à arena. O coração de Roosevelt tem contrações na sepultura de Hyde Park!

DEZ MINUTOS COM O PINTOR BELAS TAVARES



ARTUR Belas Tavares expôs, pela primeira vez, neste fim de Primavera. Muita gente ocorreu ao Salão da Sociedade Nacional de Belas Artes e adquiriu alguns dos seus quadros, colas que, entre nós, raramente acontece. A crítica, por sua vez, foi à exposição e elogiou-a largamente. Também lhe apontou defeitos. Um crítico houve que o combateu com dureza. Ora isto, em Arte, quer dizer que Belas Tavares triunfou plenamente. E, assim nasceu o natural desejo de ouvirmos o jovem artista.

Pelo telefone combinámos a hora. Após breves palavras vencemos a grande modestia de Belas Tavares: «Então, pode ser agora. Vou sair.» E deu-nos a direcção da casa onde trabalha. — Dai a pouco, um átrio que termina num pórtico de colunatas serve-nos de sala de espera. Passam por nós, em silêncio, graciosas raparigas de bata branca. De um lado, esbatem-se à luz macia do tecto um mostruário de rútuos coloridos; no outro, aparelhos cirúrgicos aluminados frios e metálicos. É nesta impecável arrumação, onde nada é de mais nem nada está fora do lugar próprio, para qualquer coisa de desolador. Fora, através das largas montras, a vida fervilha, na tarde ainda cheia de luz do dia... Mas um porteiro vem e desvia-nos o pensamento deste contraste. Voltamo-nos. Artur Belas Tavares desce a escadaria que vem dar ao pórtico.

Uma apresentação de circunstância, indecisa. Só na rua ganhamos naturalidade. Numa conversa quase íntima, de-cemos o Chitado. Convidamos Belas Tavares a entrar num café, mas

este recusa. Não gosta desse ambiente pesado e inquieto. Atravessamos o Rossio e, num passo lento. Avenida acima, iniciamos esta rápida entrevista.

— Satisfaz-lo a sua primeira exposição? — Sim, Satisfaz-me contactar com o público e com a crítica. Só agora posso saber as qualidades, e — quanto a mim melhor que isso — os defeitos que a crítica me apontou. Um artista sério necessita mais que o corrigir do que de louvaminhadores. O artista não pode viver isolado. A sua Arte existe na medida em que os outros a compreendem.

— Encara, então, a Arte como um valor social? — Absolutamente. A Arte é, essencialmente, uma forma de comunicação. E o artista só o será verdadeiramente quando souber comunicar o que é real e comum à maioria dos homens.

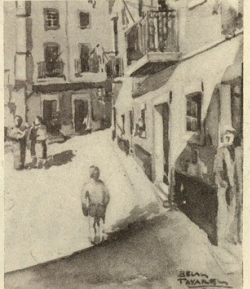
— Em que trabalha agora? — Estou a pintar a óleo, muito embora não pense em abandonar a aguarela. Nada ainda lhe posso dizer. A técnica e os processos são completamente diferentes.

— E ambições? — Algumas. Ou por outra: alguns sonhos. Vou dizer-lhe um deles. Sabe, nunca estudei obedecendo a um método de antemão traçado; tem sido conforme a vida me consente. Já há vários anos, dei por mim a rabisar umas colas sob o olhar distraído da mestra do ABC. Depois, fui a um curso ocasional. E, agora, a minha maior ambição, o tal sonho, era ir estudar para uma escola inglesa, pois que, quanto a mim, os ingleses são os verdadeiros mestres da aguarela.

— E projectos? — Projectos?... Não posso ter projectos; limito-me a trabalhar nos poucos momentos que a profissão me deixa livres. Já vê: trabalho das nove às dezesseis horas... Agora ando eu a preparar-me para um grande acontecimento: oito dias de férias que, benevolentemente, a lei me concede... Vou empregá-los a trabalhar no que me é grato: a pintura. Depois, volto ao mesmo de sempre. Como pode, nestas condições, um artista ter projectos?

Após breve silêncio, Belas Tavares diz-nos: — Agora, no Verão, aproveito esta escassa hora de luz do dia. Ainda hoje penso terminar um apontamento que venho trabalhando. No inverno, apenas tenho os domingos.

Sentimos quanto há de dramático nesta confissão. Damos mais alguns passos. Já a despedirmos. E o artista afasta-se de nós. Ele tem um sonho e luta por realizá-lo. Ficou a grata certeza de que as grandes qualidades de Artur Belas Tavares há-de levá-lo a vencer, e a realisar plenamente a obra que se propôs.



1.ª expressiva aguarela de Belos Tavares



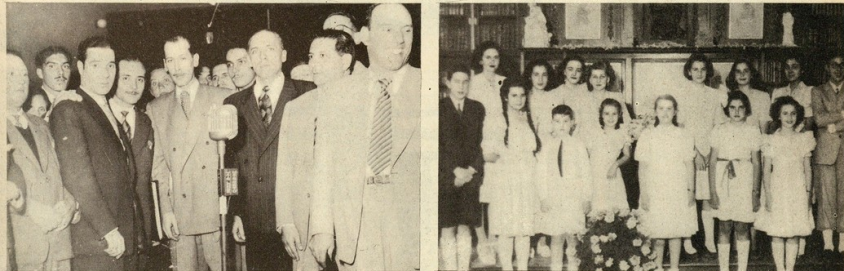
Na sessão de encerramento do 1.º Congresso Internacional de Cirurgia de Urgência, o Dr. Feldman, da célebre clínica Mayo, faz a sua conferência.



O professor Doutor Caio da Mata, Ministro da Educação Nacional, recebe a comissão de Alcobaca que veio a Lisboa pedir o governo a criação duma escola comercial e industrial naquele vilé.



Os elementos da Mocidade Portuguesa que foram a Londres representar Portugal nos Acompanhamentos Internacionais da Juventude, embarcando no aeroporto.



Despedida, em São Paulo, do locutor Nuno Madeira, director do programa «Saudades de Além-Mar», vendo-se, no foto, José André, um dos enviados especiais do «Século» ao Brasil. Nuno Madeira, figura destacada, na colónia portuguesa em São Paulo, é portador duma mensagem do Associação dos Profissionais de Imprensa de S. Paulo para o Sindicato dos Jornalistas Portugueses.

A professora D. Lina Rosenstok fez a apresentação dos seus discípulos de classe de piano, numa audição realizada no Museu João de Deus. Todos os alunos demonstraram cuidada preparação, revelando, em todos os pormenores, a magnífica escola daquela distinta professora. No final, a assistência e alunos manifestaram, entre calorosas palmas, todo o seu apreço pelo trabalho realizado pelo professor D. Lina Rosenstok.

Revista

A MUSA INSPIRADORA DA RESISTÊNCIA FRANCESA

E FRANÇO e belo o destino desta grande escritora que nas horas sombrias da ocupação alemã deu alento à Resistência francesa. Não com os seus livros, não com a sua atitude, que desde os primeiros minutos foi clara, uma como musa inspiradora deste movimento. É que Elias Trioleto é, primeiro que tudo, «Elias», e Elias do «Cântico», e Elias do Aragon, aquela mulher que nos tempos da Resistência apareceu um pouco misturada, um pouco confundida com o amor da França.

Meu amor ad tem um nome,
O meu poema acabou.

O interesse humano das suas obras fez dela um caso único na literatura feminina, mas o que aumenta ainda mais a sublimidade da sua personalidade é esse duplo papel de musa e de escritora que já conta no seu activo mais de dez livros, e já deu a primeira mulher da França o seu primeiro acroc com 200 francos, lhe valeu a honra de ser a primeira mulher da França a ser premiada com o primeiro Goncourt.

Um dia, desde quando escrevia «Elias», essa mulher admirável que na «Perguntaram-lhe um dia, desde quando escrevia «Elias», essa mulher admirável que na vida teve o mais belo papel, respondeu que nunca pensou em se dedicar às letras antes dos 27 anos. Foi sob a pressão dos seus amigos, e particularmente de Maxime Gorki e de Choussy, o autor da «Vogem Sentimental», que se decidiu.

À sua atitude faz lembrar o caso célebre de «Cécile», a quem o marido um dia forçou a escrever, apreendendo-a mais tarde com surpresa que ela tinha tomado o gosto.

A enumeração dos livros de Elias Trioleto é já extensa: «Donnaire», «Vieses», aparecidos a escrever, apreendendo-a mais tarde com surpresa que ela tinha tomado o gosto.

A enumeração dos livros de Elias Trioleto é já extensa: «Donnaire», «Vieses», aparecidos a escrever, apreendendo-a mais tarde com surpresa que ela tinha tomado o gosto.

Um dia, desde quando escrevia «Elias», essa mulher admirável que na vida teve o mais belo papel, respondeu que nunca pensou em se dedicar às letras antes dos 27 anos. Foi sob a pressão dos seus amigos, e particularmente de Maxime Gorki e de Choussy, o autor da «Vogem Sentimental», que se decidiu.

À sua atitude faz lembrar o caso célebre de «Cécile», a quem o marido um dia forçou a escrever, apreendendo-a mais tarde com surpresa que ela tinha tomado o gosto.

A enumeração dos livros de Elias Trioleto é já extensa: «Donnaire», «Vieses», aparecidos a escrever, apreendendo-a mais tarde com surpresa que ela tinha tomado o gosto.



POR MARIA FERNANDA DE ALMEIDA

A Maria Augusta era o que em gíria se chama uma vampe. Olegnada, decotada, pintada, as saias curtas, os cabelos sempre penteados segundo a última ordem da Moda, ora para cima, ora para baixo, ora repuxados para os lados, as meias quase invisíveis, de finas, uns saltos muito altos, uns vestidos muito estapaferúfidos, mas de bom gosto, por onde quer que ela passasse, atraía a atenção de toda a gente. E ela sentia-se feliz com isso. Vivía a espantar o indígenas.

Ainda que a dona deste retrato possa parecer volúvel, a verdade é que só pensava no João. Pensava em casar e o João também não andava fora desta ideia. E Maria Augusta dava o caso como certo. Casaria com o João.

Um dia — foi nesse azafago dia que o vampirismo tolo lhe deu mais resultado — o João, ao fim da tarde, convidou-a para ir tomar qualche coisa a uma esplanada da Avenida. Estava calor. Não se podia estar em casa e ali estariam melhor. Ela acedeu logo, contente. Dava tudo para se pavonar na rua e indo com o João, melhor. E se bem o pensaram melhor o fizeram; instalaram-se nas clássicas cadeiras de baíla, com os clássicos refrescos à frente e o João começou a decifrar as palavras cruzadas do jornal da tarde.

Maria Augusta, como de costume, dava nas vistas. Olhou em volta; o João não dizia nada, que moço. Se ele fôra feita para ser admirada, porque não lhe dizia ele coisas bonitas coisas gentis, sempre agradáveis de ouvir? Um careca, mesmo ao lado, olhava boquiaberto, para ela.

Noutra mesa vários rapazes. Noutra ainda um rapaz, sozinho. Os olhos nada diziam. Aquele não estava interessado em si, talvez nem tivesse reparado nela.

Deu uma vida de olhos circular pela assistência e voltou a olhar para o rapaz sozinho. Finalmente ele olhou para ela. Ela fez uma quase imperceptível careta de desdem e continuou a ronda com o olhar, mas ele percebeu interesse e não a desfez. O João entretanto precisou de auxílio.

— Ouve lá, ó Maria, diz-me um sinónimo de batráquilo.

— Sei lá.

Que jogo tão disparatado o de João, pensou Maria Augusta. O seu era muito mais interessante. Entrava o seu magnetismo pessoal em acção. Era excitante.

— Agora repara eu, tens estado muito entredida, nem me tens massado. Que é que te prende a atenção? — Já minha? Nada.

Maria Augusta mentia com todo o aplomb.

— Hum... não queres dizer... — Fez João.

O João ainda supôs que fosse dama espantosa que prendia a atenção de Maria Augusta não quizesa dizer nada. Olhou por sua vez mas as senhoras que via não lhe pareciam merecedoras de reparos. Oh! as mulheres... Com qualquer coisa se entretém. Embrenhou-se novamente na solução das palavras cruzadas e deixou Maria Augusta entregue ao seu entretenimento.

Dali a pouco levantou a cabeça, inopinadamente, para fazer nova pergunta à noiva, e viu-a a olhar para

um homem e o homem para ela. Pugnava a fazer ficção também a olhar, de olhos muito abertos. Ela perguntou com a sua voz mais doce; ao dar pelo seu reparo: — Que tens, querido? — Já vi para onde tens estado a olhar.

— Eu? Não estava a olhar para nada. Ou por outra não fixava nada. Estava a pensar.

— Pois bem, aconselho-te a deixar de olhar para mim, não fixas, para evitar más interpretações.

— Meu querido, é em Oteló.

João baixou novamente a cabeça para o jornal. Estava envergonhado do que dissera. Sim, parecia um cliché de melodrama. Fôra mesmo ridículo, pensava. Continuou as voltas com o problema das palavras cruzadas, mas este não lhe tornava agora a sua atenção. E olhou de esguelha. Ela estava outra vez a olhar para o tal rapaz! Seria ilusão sua?

— Fazes-me um favor! Não olhas para aquele homem — disse sem poder dominar os nervos.

Ela fez uma cara como quem diz: «Está doido e não replico. Ele ficou ainda mais aborrecido consigo próprio, mas as palavras estranhar-lhe da boca para fora, ainda antes de ter pensado bem no que a dizer. Mas para que olhava ela, se sabia que era uma coisa que o arrelivava?

Ela sentia-se feliz. Se o João tinha chumca é porque gostava dela. E depois aquele rapaz tinha um ar tão gentil que não podia voltar a cara. Que mal sabia. Ele prestava culto à sua beleza e ela aceitava as homenagens, como uma rainha. Fazia-lhe bem sentir-se admirada; dava-lhe o contentamento. Gustava, em suma, e disse nada de mal pela boca advir.

O desconhecido gentil esboçou um sorriso e ela sem dar bem por isso, irrisivelmente, sorriu-lhe também. Gustava de sorrir, a Maria Augusta. Nessa ocasião, precisamente, o João levantou de súbito a cabeça, desconfiado, e viu-a a sorrir para o desconhecido. Era demasiado! A raiva ceou-o e sem dar conta de mais nada, esquecido da boa educação e de todas as conveniências, não teve mais em

si; levantou o braço e fez estalar uma sonora bofetada na cara de Maria Augusta.

— Quando isto é à minha frente e sem o primeiro desconhecido, o que fará nas minhas costas. Ainda bem que te conheci antes de casarmos.

E o João foi-se embora e nunca mais quis ouvir falar na Maria Augusta. E ela continuou a sorrir para os homens, por hábito e por coquetez e por vezes por necessidade, mas não gostava que lhe lembrem esta história!



MEDICINAL
PASTA GOUTO

TRATA
gengivas doencadas
ou sangrentas

EVITA
estomatites mercuriais
ou birmuticas

MATA
os microbios da boca,
que dão causa a tantas
doenças graves

Medicinal pequena — tubo 11\$00
 Medicinal grande — tubo 17\$50
 Vulgar pequena — tubo 4\$00
 Vulgar grande — tubo 7\$00

Tiká
MATA

PERCEJEIOS
 BARATAS
 PULGAS
 TRACA

À VENDA EM TODA A PARTE

Caixa pequena..... 3\$00
 Caixa grande..... 8\$00

Dep.º: GOUTO, L. 4ª — Porto
 L. S. Dominges, 185

É UM PRAZER BARBEAR-SE



O creme das grandes desportistas



Sendo o creme de barbear de maior categoria internacional e o mais economico, por cada tubo a garfante dá 20/30 barbas. Todos os grandes desportistas do Mundo preferem o creme LEA, que evita as espinhas e irritações da pele, deixando-a muito macia.



COM LEA É UM PRAZER BARBEAR-SE
 COM LEA É A LAMINA DIFÍCIL MANE
 COM LEA É A PIEL FICAR MACIA
 USANDO LEA NÃO HÁ BARBA DIFÍCIL



UM ARTISTA PORTUGUÊS
PACHECO
 E AS SUAS CARICATURAS INCOMPARÁVEIS

Caricaturista amável, deforma as suas evitimas ao sabor da sua arte, sem as ofender muito. Mas os seus bonecos nunca são retratos. São sempre maravilhosas caricaturas, em que há vida interior, pormenores de notável observação e que definem sempre, ao primeiro olhar, o caricaturado.

Damos hoje, nesta página, alguns bonecos de Pacheco, o homem que está caricaturando meia Lisboa!

COMEÇOU a desenhar aos dez anos — e tem vinte e três. Já na escola sofria castigos pela sua teimosia em caricaturar os professores. Alguns não gostavam. E o jovem estudante tinha de os apanhar distraídos para aumentá-los a sua galeria.

As suas caricaturas são duma rara semelhança. Mais do que um vulgar desenho, têm alma, qualquer coisa que define sempre o caricaturado.

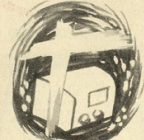
Políticos, escritores, artistas de cinema, do teatro e da Rádio, professores e estrangeiros, tudo conta na sua infundável galeria.





O escultor Auricoste dando os últimos retoques a um nu

3 IMAGENS DA MODERNA ESCULTURA FRANCESA



ler, sumida, amarelada, exatamente conditada ao flato da luz soliterna. Então nos serres, tristões, boceados, uma coisa surge para entro da familia. Não se poderia dizer que fosse um concerto a ser. Também ninguém esperava ouvir um piano afiado, certinho, porque em Lisboa os pianos burgueses eram só para entreter. Por isso, no ossego do lar ouvia-se uma romanza, defraudada pelos dedos inexperientes, ou um estudo coloidal, rapididíssima de zona para casuários de feira. Evidentemente que todos gostavam. Servia-se o chá com entusiasmo. Pelos cantos gabava-se o talento da pianista, que era extima na arte do toques.

É a pequena, modesta, cada vez mais amarelada, já da cor da posta, esfarelada já de tanto se ter posto na estante, sorria a mãe, com uns dentes esverdeados, da febrezinha vomitosa por qualquer primo marialta. Hoje, porém, o caso da música arrumou-se. Basta chegar a casa e ligar o aparelho, procurar a onda, e, zás, ouve a familia inteira, o prédio todo e a rua inteira, se não houver muito tráfego. Evidentemente que cada um tem o direito de se divertir a seu modo. Estão alegres, bem dispostos, gostam do fado ou dos swingings, e vai ditto, abrem as portas à telefonia e são, coladas, compassivas, talvez com vontade de estoirar com as lâmpadas, vai gritando com trepidações tudo que o sestidões canaliza para casa do contribuinte. Ora ainda não está bem esclarecido se um senhor qualquer, já porque popo uma licença à Emissora, pode, na realidade, massacrar os ouvidos do vizinhão com tudo que quiser. E o pior ainda é que muitos supõem que prestam um ótimo serviço aos que, por comodidade, não têm telefonia — e até papuram de bom grado uma taxa para não a ouvir.

Isso, então, é de se tirar o chapéu. Escancaram as janelas, abrem o regato, sentam-se bem respingados numa cadeira, e quase sempre adormecem com a digestão. Pota quem fica a ouvir a emissão é a vizinhança, que nem cerrando as janelas, tapando os ouvidos, deixa de aguentar com todo o programa de fados e guitarradas, mais os volúmenes concertos dos carrilhões de Majra ou o noticiário de tudo que se leu no jornal. Evidentemente que há pessoas que têm telefonia e sabem muito bem para que ela serve. Enfira uma sala com um snappers em cima ou uma jarra de flores, e dá, às visitas, a ideia de que é um lar moderno. Uma vez por outra ligase o aparelho para ouvir os relógios no sinal horário. E ao domingo de manhã, para dispor bem, um programa alegre para aguentar o sono.

De resto, a função da telefonia é estar parada, sem gastar electricidade — porque ela é muito mata diti no ferro de engomar ou na máquina de costura.

Basta que haja um aparelho num prédio para ouvir a vizinhança toda. E, numa rua, desde que hajam três — o caso então é curiosissimo. Um dá o noticiário, numa confusão de vozes, falisa na China, em arruicões e no Fundo do Desemprego, enquanto mais adiante qualquer fadista rouco diz que a criança foi fatalmente para o hospital — e o terceiro, desafiado com os soluços de Monastio, berro, furioso, para se ouvir a «Marcha dos Grandeiros» de Mac Donald.

De modo que, numa extraordinária confusão, até apetece correr à central e, de mãos postas, pedir ao electricista que arranje um curto-circuito inofensivo, claro, mas que seja tão curto que dure a eternidade.

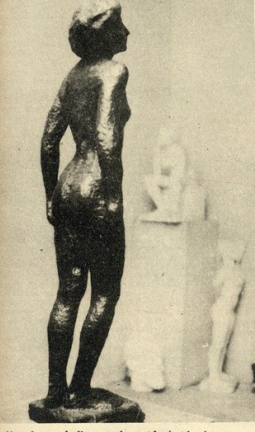
Depois, com os discos, qualquer pessoa pode tocá-los quando quiser. Para isso devia haver uma censura. «Vejam V. Ex.», por exemplo, no Parque Mayer, depois de se anunciar as fojas camas da fábrica tal, toca-se a «Suf-Maria», e, em certos pontos, interrompe-se o Schubert para gritar que a única coisa que mais os ratos é o produto tal...

Enfim, uma calamidade. Se acrescentarmos a isto as locuções de ritmos radiofónicos criadas por ai — e certos programas de amadoras que casuam ao microfone, é, acreditem, caso para pedir desde já que voltemos à época do petróleo diti e do carbureto, só para que a electricidade, essa enobre luz, coma e do conselheiro. Acêto, não seja cômplio de tantas locuções hertzianas de que certos postos se servem.

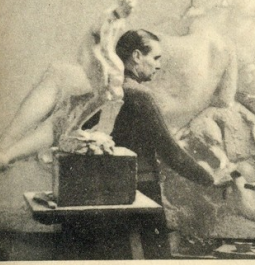
Obsessiva

POR MANUEL MARTINHO

ODA a gente, hoje, tem uma telefonia para entretenimento dos ócios ou para afugentar da mesa, durante o jantar, aquele silencio pesadão do racionamento. Julga-se mesmo que a telefonia, na escala hierárquica dos divertimentos burgueses, veio preencher o lugar do loto ou do domínio, jogado a vintem. Antigamente, qualquer familia chique tinha uma flauta — e, imprudentemente, nascida a criança marcava-se logo o lugar do piano. Essa formosa criança, crescendo, aprendia a bordar, a ler os romances de Camilo, a olhar as noites luanetas pelo cortinado da janela — e, depois de ter vendido nas quermesses de caridade rifas de almoçadas, recolhia ao lugar do piano.



Um dos trabalhos mais notáveis do jovem escultor Carton



O escultor Raymond Martin no seu atelier, trabalho em baixo relevo



Lábios que tentam

Sedu çã o irresistivelmente arrebatadora será privilegio dos seus lábios quando usar Michel... o feiticeiro baton Michel de suavissima base de creme. Michel espalha-se com uniformidade e mantém os lábios mais adoráveis durante mais tempo. A escolha entre 10 encantadores tons, cada qual o mais juvenil, vibrante e sedutor.



BATON • PÓ DE ARROZ • ROUGE COSMETICO • SOMBRAS CAKE MAKE-UP

Ad 46-9

Dependa a pele do seu filho...



com PÓ DE TALCO bébé M^{me} Campos

DENTES BRANCOS E SÃOS



SÓ COM DENTÍFRICOS CORTEZ



«Não consegui fazer a chamada! — parece dizer Helena O'Hara, asséio e com tão serena indistintão. Entretanto não se esqueça a foto que este sr. O'Hara é bom frisar que este pouco, o repórter para eleição dos mais lindos pernas da América...



Pelovo, que deve ter proçal... Outro sabemos o que um terá dito ao outro... Contentem-se em olhar para Lono Turner e John Hodiak. E podem ris com eles. Porque o riso é contagioso e pesa-se mesmo através de uma imagem...

ASSAÇÃO DOS CINE-CLUBES

por FERNANDO FRAGOSO

ACABA de realisar-se em Paris, com representação de muitos países europeus, entre os quais a Suécia, a Bélgica, a Suíça, a Holanda, a Dinamarca e a Itália, o primeiro Congresso dos Cine-Clubes. Nada menos de 80 agrupamentos franceses, representando 75.000 associados, estiveram presentes às sessões, efectuadas sob o patrocínio da União Nacional dos Intelectuais.

O primeiro Congresso dos Cine-Clubes veio esclarecer alguns mal entendidos, afirmar princípios e pôr em relevo a acção destas organizações, mais ou menos importantes, que se constituíram com o propósito de servir o Cinema, nos seus mais dignos aspectos, artísticos e humanos. Assim, por exemplo, foi postulado, no decorrer do Congresso, acabar com o mito de que a acção nos Cine-Clubes é prejudicial à indústria de espectáculo.

O produtor Alexandre Kamenka declarou, com efeito:

«Seria um erro desconhecer a repercussão que o desenvolvimento dos Cine-Clubes tem sobre o rendimento dos filmes. Com-o seu circuito de 80 clubes, a Federação tornou-se um cliente susceptível de dar um lucro interessante para os produtores. E esta nova fonte de receitas só pode aumentar com o tempo. Se tornarmos em linha de conta que são, sobretudo, os filmes já explorados ou brilhantes, as películas que os Cine-Clubes alugam de preferência, poderá avaliar-se vantagens que tal circuito trará à produção.»

«Por outro lado — continuou o sr. Kamenka — o desenvolvimento dos Cine-Clubes permitirá a realização dos filmes de vanguarda, como se chamavam há anos. Designá-los-emos agora por filmes de ensaio. E terão nos Cine-Clubes um campo de exploração adequado, que facilitará, talvez, a descoberta de novos talentos.»

Georges Sadoul, secretário-geral da Federação, declarou, por seu turno: «Os exhibidores temem que lhe roubassem os espectadores. Mas esses temores revelaram-se sem fundamento. O cinema é uma espécie de mirabolão. Quem começa a ler do cinema, vai cada vez mais interessar pelo cinema, afasta sempre em as bibliotecas públicas. O facto de se ensinar a ler desenvolve a leitura. O facto de se ensinar aos espectadores a apreciar o cinema desenvolverá n'elles o gosto de frequentar as salas exhibidoras.»

Nas palavras do sr. Kamenka há uma afirmação que importa destacar. Os cine-clubes poderão ser amanhã o campo de exploração ideal dos filmes de ensaio, se pela designação entendermos aquelas obras que pela sua forma ou pelo seu conteúdo se afastam das directrizes chamadas «comerciais». O cinema é uma arte em plena evolução, e nem sempre as iniciativas dos que buscam novas formas de expressão encontram nas grandes salas o ambiente que lhes convém. A massa associativa dos cine-clubes constituiria assim o escol dos amadores de ci-

nema, capazes de ouvir e entender que que não se contenta nos limites actua-

duma forma de expressão de tamanha

possibilitadora.

Club, aqui evocar as palavras de Jean Epstein, o poeta de «Finis Terres» e de «Pescadores de Sorpaques», quando apela aos cine-clubes o caminho do futuro.

«Todos os cine-clubes actuaes se mantêm indistinctivamente ditos, para fomentar o aprego pelos filmes de qualidade mas cultivos sobretudo um ideal de arte já realizado, quer dizer, já ultrapassado. São como que uma espécie de pequenas conservatórios onde se repisa na contemplação de velhas obras-primas, que «savant-garde» que prescrevem... A despenharem principalmente, sendo exaltados o papel de segurança da cinemateca francesa, chegaremos à conclusão de que os cine-clubes acabarão por desenvolver o gosto por uma espécie de classicismo, em lugar de contribuir para a renovação e aperfeiçoamento da expressão cinematográfica.»

«isto não quer dizer, evidentemente, prossegue Jean Epstein — que o destino pela tradição culha mais do que o respeito pelo passado, mas a verdade é em todas as Artes, as formas-fúas inelutavelmente se renovam. Particularmente nos domínios do filme, o movimento desta incessante transformação é rápida e corajosa de a ultrapassar na rápida evolução da técnica. A missão essencial dos cine-clubs, consiste o visto sobre este amanhã do cinema a o rir 1940, se for possível. Se estes grupos de uma certa «filles se deixam imobilizar no culto do que o cinema foi — o cinema terá, sem eles, todas as probabilidades de se abandonar, cada vez mais, à tentação da facilidade literária.»

O realizador do «Finis Terres» põe o problema com equilíbrio e bom senso. Mas a verdade é que o conhecimento de história do cinema se torna indispensável para melhor se traçarem as directrizes futuras. Os filmes clássicos não são apenas documentos duma época. Contêm em si o facto maravilhoso da evolução da arte das imagens. Os filmes passam — e ainda os melhores — entretêm e educam. As novas gerações se os quiserem conhecer terão as maiores dificuldades, mesmo na América e em França, onde as cinematecas nacionais organizam com frequência — em Nova-York os sessões não diárias — programas com os obras-primas do passado. Parece-nos, pois, indispensável que os cine-clubes perseverem, não sob a forma de culto, mas sim de cultura na divulgação desses filmes, porque são peças essenciais para o conhecimento da longa jornada percorrida. E sem conhecer as fases culminantes da evolução parece-me difícil formar uma opinião conscienciosa quanto ao futuro.

Em França, os cine-clubes têm 15.000 sócios. Até o fim do ano, o número deve subir a 100.000. Em Portugal, embora agora, com mais nitidez, um movimento associativo pró-cinematográfico. Seria injusto não citar o acção desenvolvida em época transacta pelo Belcine-Club, o interesse de que se reavivaram algumas das suas sessões até ao número dos seus sócios. Que possam fructificar todas as iniciativas, que se radicarem no boio videntes, que se efervorem, os esforços — o cinema só terá a ganhar com tal movimento.

VEDETAS MAMÃS

DUAS das mais lindas e admiradas mulheres do mundo do cinema são feitas mamãs e compartilham da doce alegria que os seus bebês trouxeram aos seus lares. Essas mulheres são Hedy Lamarr e Dorothy Lamour.

Hedy, que navega em plena felicidade com o seu quarto marido, o actor John Loder, acaba de celebrar a festa do baptismo da sua pequenina Denise, que é uma criança encantadora, tão bonita desde já como a lindíssima mamã. A cerimónia foi muito concorrida, e Bette Davis serviu de madrinha.

A outra mamã de Hollywood, a mais recente entre todas as celebridades da Cineslândia, é Dorothy Lamour. A notícia do nascimento do pequenino Saba veio, finalmente, esclarecer o mistério da longa inactividade da vedeta. Sabia-se, com efeito, que Dorothy Lamour, «rainha da seiva», companheira dilecta de Bob Hope e Bing Crosby nas suas aventuras por países exóticos — havia desaparecido dos estúdios.

A ausência foi tão prolongada que os seus admiradores se inquietaram. Choveram as cartas a saber o que havia. Afinal, a bem pouco, ou a muito, o mistério se reduzia. «Dottie» estava em vésperas de ser mamã...

E agora, leitores, revejem-se nas fotos que ilustram esta notícia — porque elas falam por si próprias e dispensam que nos alonguemos sobre o assunto.



O primeiro retrato de família... O escamomomano Ross Howard, o pequeno John Ridgely Howard e Dorothy Lamour.

*
Um papel que Dorothy Lamour nunca tinha desempenhado: mamá dum lindo pequerucho.



Bette Davis foi a madrinha e segura nos braços a pequena Denise Hedwig Loder. O Rev. Herbert Smith associa-se à alegria do acto de baptismo. À direita, John Loder e Hedy Lamour estão bobadinhas...

O BEIJO MAIS LONGO DA HISTÓRIA DO CINEMA



HOLLYWOOD acaba de bater mais um recorde! E este sensacional. Para o filme «Historiaca», Cary Grant e Ingrid Bergman trocaram ao beijo mais longo da história do cinema. Beijo saboreado demoradamente, após uma não menos demorada cena de ternura e de amor de menos demorada duração, que é lógico concluído.

Alfred Hitchcock, o realizador de «Rebecca», «Suspensão» e «Um Barco a Vento Destinas», da semana que vem, dirigiu a cena como quem rega suas 112 quilos dirigidas a uma partitura. Do presépio, alegre, moderado, apaixonado e enigmático, passou-se ao exultante por sucessivas gradações.

As imagens que pulsam nos ecrãs mostram-nos bilicomes Cary Grant e Ingrid Bergman no momento em que o beijo é ainda um desejo não concretizado. E da sua caudal, níssimos — não vão eles precipitar-se e fazer o acordado por ver, afinal, legítimos detentores...



Alfred Hitchcock parece dizer: «piano... pianissimo...» de que acabaram

Duas irmãs, da mesma idade — iguais no graça e no beleza. São as famosas gémeas Wilde. A da esquerda chama-se Lee e a da direita Lyn. Se o leitor pudesse escolher, qual seria o eleito? Estamos a adivinhar e resposta: tiraria à sorte — e ficaria satisfeito, fosse qual fosse o resultado...

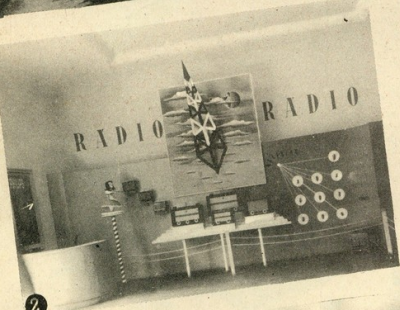




1

ALGUNS ASPECTOS do Imponente Pavilhão da **PHILIPS** na Feira Popular de Lisboa

- 1 - Vista exterior
- 2 - Vista da Secção de Rádio
- 3 - Vista da Secção de Iluminação
- 4 - Vista das Secções de Amplificação e Emissão



2



3



4

HISTÓRIA DA GUERRA MUNDIAL

POR CARLOS FERRÃO

UMA DECLARAÇÃO SENSACIONAL DO DR. OTTO DIETRICH

LANÇANDO as suas divisões «Panzer» na batalha, Guderian em poucos dias percorreu a distância que separava o local de concentração da cidade de Orel, ou sejam aproximadamente 350 quilómetros, numa corrida vertiginosa a que nada pôde opor-se. Coquanto uma parte dessas forças ocupava Bryansk, a outra flanqueava Orel, ameaçando assim de envolvimento, pelo sul, todo o dispositivo defensivo de Timonchevo. Simultaneamente, a Luftwaffe martelava todo o sector central da frente, a partir de Kalinine, procurando desmoralizar as forças soviéticas e impedir que elas se reagrupassem.

Timonchevo viu-se obrigado a ordenar uma retirada geral a fim de evitar que as guarnições de Bryansk, Vyazma e Yartzevo, respectivamente comandadas pelos generais Jeremenco, Boldin e Rokossovski, fossem

CAPÍTULO XXXII

O PRIMEIRO INVERNO NA RÚSSIA

que depois se ilustraram no prosseguimento da campanha de lutas ferozes cercadas e aprisionadas. Essas forças constituíam o núcleo principal dos exércitos soviéticos e a sua perda teria sido irreparável. No fim da primeira semana de Outubro a ofensiva alemã estava em pleno desenvolvimento; no fim da segunda os alemães ameaçavam de perto Kaluga e Kalinine, no caminho de Moscovo. No dia 9, o comando tomou conhe-

cimento de uma declaração sensacional feita em Berlim aos representantes da imprensa estrangeira pelo chefe dos serviços do Ministério da Propaganda, Dr. Otto Dietrich, que acabou de regressar num avião da frente de batalha, a fim de descrever a situação nos seguintes termos: «Com a derrota do grupo de exércitos de Timonchevo, que é já nesta altura um facto consumado, pode dizer-se que a campanha de lutas terminou. Os golpes desferidos pelo exército alemão conduziram a um resultado que é legítimo definir assim: União soviética deixou de existir como potência militar. O comando soviético deixou de ter a sua disposição as forças indispensáveis para continuar a luta, e perdeu toda a iniciativa da manobra. As suas últimas divisões encontraram-se, efectivamente, cercadas. O Fuhrer, que elaborou, pessoalmente, o plano para destruir o grupo de exércitos de Timonchevo de perto a batalha em todas as suas fases, para que ela terminasse rapidamente por uma vitória completa das armas alemãs.»

A declaração de Dietrich, declaração que produziu em todo o mundo apenas uma das muitas mentiras que o Ministério da Propaganda inventara para enganar o povo alemão ou para estabelecer uma confusão entre os seus inimigos. Corresponda a uma confusão profunda a que naquela altura (10 de Outubro de 1941) dominava além dos meios dirigentes do partido não muitos soldados. Um destes, o general Westhoff, escrevia: «O que ainda há pouco nos parecia completamente impossível acabou de se dar. Antes mesmo do inverno o inimigo foi irremediavelmente batido.» A primeira frequência notável desta informação acesordica que dá: «A próprio comando oficial do Grande Quartel General dos exércitos alemães, a frequência seguinte podia destruir-se a verdade da confusão dos prisioneiros e dos elementos da dupla batalha de Bryansk a Vyazma acaba de ser concluída, os vitoriosos exércitos de Timonchevo, o qual compreendia nada menos de oito exércitos, foi completamente destruído. O número de prisioneiros feito pelos alemães até ao fim da batalha elevava-se a 648.186, número sem precedentes nesta guerra.»

O grupo de exércitos de Timonchevo era, efectivamente, constituído por oito exércitos, cujos comandos tinham sido confiados aos generais novos nomes mais tarde vieram a aparecer com frequência nos comunicados oficiais soviéticos: Leytchenko, Kuznetsov, Vlasov, Rokossovsky, Govorov, Boldin, Belon e Boldov. Destes nomes convém fixar desde já o de Vlasov, que mais tarde foi feito prisioneiro dos alemães e que assumiu o comando das forças russas que se puseram ao serviço dos alemães. O exército misterioso de Vlasov foi um dos grandes enigmas da última guerra, e ainda hoje continua por esclarecer a sua verdadeira importância e o papel que desempenhou no prosseguimento da luta. Quando foi feito prisioneiro pelos alemães, Vlasov era considerado como um dos generais mais hábeis e valiosos do exército soviético.

Os chefes militares alemães sabiam que estes oito exércitos não tinham sido destruídos, embora a sua retirada prosseguisse. Mas estavam firmemente convencidos de que a superioridade da Wehrmacht e a excelência dos seus planos acabariam rapidamente por se impor, levando ao aniquilamento total da máquina militar soviética, objectivo essencial que procuravam realizar.

A REPLICHA DO COMANDO SOVIÉTICO

A ofensiva alemã continuou, com uma violência crescente, entre 8 e 20 de Outubro. O avanço neste último dia tinha atingido uma profundidade de cerca de 200 quilómetros. Em volta de Moscovo, desde Kalinine, ao norte até Orel, ao sul, o grupo de exércitos de von Bock estabeleceu um apertado semi-círculo. No ponto mais avançado, os alemães estavam a pouco mais de 100 quilómetros da U.R.S.S. No dia 15, o Alto Comando alemão procurou liquidar rapidamente a situação (o recelo do Inverno começava a constituir o seu principal motivo de preocupação) com uma tentativa audazosa para romper a frente inimiga no centro do semi-círculo estabelecido, voltando a capital, no sector de Mojaisk. O comunicado oficial soviético desse dia revelava pela primeira vez que os dirigentes soviéticos consideravam a situação desesperada.

Os avanços dos alemães, e sobretudo as condições em que se tinham

GENERAL VLASOV que tomou parte no batalho de Moscovo e mais tarde se colocou ao serviço de Alemanha

realizado, eram, de facto, impressionantes. A tática de von Bock consistia, fundamentalmente, em multiplicar as suas penetrações profundas de formações blindadas no dispositivo de defesa soviético por forma a estabelecer a confusão entre as diversas peças que o constituíam, acabando por conseguir a sua completa desorganização e o seu colapso num prazo de tempo curto.

A replicha do comando soviético não diferia essencialmente da que fora adoptada com êxito durante a batalha de Smolencov, que precedera a de Moscovo. Para os russos tratava-se de recuar o mais lentamente possível, limitando ao mínimo as perdas em homens e material, e realizando, ao mesmo tempo, contra-ataques incessantes e devastadores. Os alemães procuravam envolver o grupo de exércitos de Timonchevo, os russos faziam esforços desesperados para fugir ao envolvimento. Para os primeiros era de uma batalha de envolvimento, no estilo clássico de Canas, que se tratava. Para os russos tratava-se de uma batalha em profundidade, explorando a imensidão do território e acatelando, através de tudo, a possibilidade de um retorno ofensivo quando o inimigo começasse a manifestar sinais de cansaço.

Este objectivo acabou por ser plenamente alcançado. Os russos prepararam por isso, com muita antecedência que deu a medida da visão estratégica dos generais soviéticos, uma série de obstáculos em volta da capital. Essas linhas revelaram a sua importância durante os combates tremendos que se travaram mais tarde, e finalmente mostraram-se intránsponíveis mesmo para as formações especializadas da Wehrmacht. Na sua construção os engenheiros soviéticos aplicaram materiais mais diversos, desde a pedra ao aço, e desde o cimento ao ferro. Constavam de fortins, abrigos, fossos anti-tanque, ninhos de metralhadoras, posições defendidas por arame farpado, etc.

A UTILIZAÇÃO DAS RESERVAS ESTRATÉGICAS

Ao mesmo tempo que conduziam assim uma guerra de posição em retirada, os russos não esqueciam os princípios clássicos que regem a guerra de movimento. As suas unidades procuravam esquivar-se ao amplo fatal do inimigo realizando contra-ataques, em grande escala, ou sempre ocorridas por outras que se encontravam em condições de intervir eficazmente. Foi esse, por exemplo, o caso do exército do generais Jeremenco, que depois de estar cercado ao norte de Bryansk, foi libertado pelas forças soviéticas que operavam mais ao norte, e conseguiu abrir um corredor na direcção tangente cercada. Finalmente puderam escapar-se. No dia 15 de Outubro, em que o comunicado oficial soviético considerava justamente a situação como desesperada, dado o peso da ofensiva alemã, não havia, de facto, nenhum exército russo cercado, e o Alto Comando soviético pudera reconstituir uma frente de batalha defensiva suficientemente poderosa para deter a progressão da Wehrmacht no terreno.

(Continua)

CAPÉLOS COMO FIOS DE CRISTAL

Depois da permanente ou tinteira, os cabelos ficam ásperos, ressequidos e bagos. LAVOLN HUILE torna-os em cinco minutos apenas, sedosos, maleáveis e brilhantes — sem qualquer repugnante de engordurados ou húmidos. Faça hoje mesmo uma experiência.

LAVOLN-HUILE
Huile biologique

Frascos para 10\$, 15\$ e 25\$80.

A venda nos bons estabelecimentos. Agente geral para Portugal e Espanha: J. Santos, Rua Santo Ildefonso, 29-Porto. Distribuidores no continente: António Ferreira Pinto, Ltd. — Rua dos Correioiros, 123-1. — Lisboa.



TORNEIRAS PARA TODAS AS APLICAÇÕES



EVITE as incomodas e aborrecimentas utilizando em sua casa os Torneiras TAGO

*Margarita
Andrey*

PROTAGONISTA DO NOVO
FILME PORTUGUES «MARGARITA
FILHA DE BEATRIZ», E ESTRE-
TORA DA NOSSA REVISTA.



DIRECTOR: JOSÉ CANDIDO GODINHO ~ EDITOR: PEDROSA MARTINS
PROPRIEDADE DE: "VIDA MUNDIAL EDITORA, LIMITADA"
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: R. DA EMENDA, 69, 2.º ~ LISBOA — TELEFONE 2 5844

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: OFICINAS GRÁFICAS BERTRAND (IRMAOS), LIMITADA
TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 — LISBOA